

PALCO

JUIZ DE FORA, OUTUBRO, 2014. ANO VII. Nº 42

MURILO MENDES DE CASA NOVA

PRODUÇÃO VIGOROSA

“Espero que a edição das *Poesias* reajuste minha obra e a situe no seu plano verdadeiro.” O desejo manifesto por Murilo Mendes em artigo para o *Suplemento Dominical* do *Jornal do Brasil*, em 1959, pode estar se cumprindo agora com a reedição de sua obra completa – em poesia e prosa – pela Cosac Naify, onde o autor juiz-forano desembarca na condição de um dos quatro cavaleiros da moderna poesia brasileira, ao lado de Drummond, Bandeira e João Cabral.

A extensa produção de Murilo recebeu tratamento especial em sua nova editora, conhecida pela qualidade de seu catálogo. Entre os quatro primeiros títulos, lançados em setembro, uma *Antologia Poética*, com a compilação inédita de 142 poemas, está saindo em duas edições – uma convencional, em formato brochura e caderno de

Para coordenar o projeto de reedição, a Cosac Naify convocou dois especialistas em Murilo Mendes – Júlio Castañon Guimarães, da Casa Rui Barbosa, e Murilo Marcondes de Moura, da USP. Os especialistas atuaram no estabelecimento do texto muriliano e na seleção dos títulos, que sairão em grupos de cinco a seis por ano. Além da *Antologia*, já estão disponíveis os volumes *Poemas* (1930) e *Convergência* (1970) – o primeiro e o último livro publicado em vida por Murilo – além de *A Idade do Serrote* (1968), obra que focaliza a infância e a adolescência do escritor em Juiz de Fora.

O objetivo da *Antologia* é apresentar o autor, permitindo que, com um volume, seu leitor possa ter uma visão



imagens com 18 fotografias em P&B, e outra em tiragem limitada de dois mil exemplares, sem reimpressão, com capa dura e um caderno extra, colorido, de 40 ilustrações, entre fotos do poeta (material iconográfico inédito, da Casa de Rui Barbosa) e reproduções de obras de sua coleção de arte, pertencentes ao acervo do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).

Outro diferencial da edição é um CD que traz raríssima gravação de 1955 em que o escritor lê oito de seus poemas. Originalmente um LP do selo *Festa*, que lançou vários poetas modernistas, o disco trazia em seu outro lado o poeta João Cabral de Melo Neto. A gravação de Murilo foi remasterizada para a inclusão na edição especial da *Antologia Poética*, e esse é apenas um dos presentes que seus leitores vão receber com a reedição de suas obras pela Cosac Naify, que conta com o apoio do MAMM. Em volume futuro, será incluído um filme de 1973, possivelmente o único em cores com o poeta, que foi restaurado pela Cinemateca Brasileira, mas não a tempo de sair agora.

Além desses mimos, a reedição das obras de Murilo vem acompanhada de atualização crítica sobre os títulos, com posfácios assinados por estudiosos como Silviano Santiago e Cleusa Rios Passos, que comentam *Poemas* e *A idade do serrote*, respectivamente. Esse aparato crítico visa a ampliar a compreensão da obra muriliana, uma produção multifacetada e considerada difícil. “Como todo grande poeta, exige do leitor mais do que o normal”, observa o editor Milton Ohata. Pensando nisso, a editora vai desenvolver um trabalho sistemático junto a professores de ensino médio para apresentar o poeta às escolas. No facebook da Cosac Naify, a divulgação da reedição da obra muriliana conta com um vídeo no qual o cantor Zeca Baleiro, fã de Murilo, lê *Poema barroco* e canta *Relatividade da mulher amada* (do disco *Baladas do asfalto e outros blues*).

panorâmica da poética muriliana. Foram incluídos poemas de todos os livros de Murilo Mendes, inclusive os póstumos e aqueles que publicou em outros idiomas. Como explicou Castañon ao *Palco*, optou-se pelos mais representativos de sua obra, de acordo com o consenso da crítica, e também por poemas mais conhecidos.

Os títulos dessa primeira fornada foram definidos com o objetivo de demarcar um arco na produção do poeta – entre a estreia modernista, com um livro que foi logo considerado um dos três grandes de 1930, ao lado de *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, e *Alguma Poesia*, de Drummond – e as aproximações concretistas de sua fase final. “Murilo era atento ao que estava sendo feito e mantém uma produção constante e vigorosa até o final”, destaca.

Convergência também é um marco na obra de Murilo, por apresentar mudanças em sua maneira de escrever e a culminância de vários de seus interesses culturais. O título, porém, só teve uma edição, além de aparecer na última reunião de suas obras na edição da Nova Aguilar, de 1994, coordenada por Luciana Stegagno Picchio. Livro de prosa, *A Idade do Serrote* é de grande relevância na produção de Murilo, por ser obra de memória, que contribui para a compreensão da formação do poeta, e se caracterizar por uma escrita inventiva e com humor. O volume inclui dois textos inéditos: uma crônica de Carlos Drummond de Andrade sobre o livro, publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 1968, e a carta-resposta de Murilo Mendes ao colega poeta.

A reedição das obras de Murilo Mendes prossegue em 2015 com o lançamento de *Tempo Espanhol* e *Siciliana*, ambos de 1959 e reunidos em um só volume, que sai em maio, junto com *As Metamorfoses* (1944). Em junho, é a vez de *Poliedro* (1972). Em outubro, saem *Poesia Liberdade* (1947) e *Contemplação de Ouro Preto* (1954).

NESTA EDIÇÃO

A UFJF E A CULTURA
AÇÃO ESTRUTURANTE

CORAL DA UFJF
CANTORIAS
REGISTRADAS

VERBO E COR
NOVA FORMA DE
ENSINAR

ENTREVISTA
COMPROMISSOS COM A
CULTURA





A UFJF E A CULTURA AÇÃO PERMANENTE

Ninguém pode ter dúvida quanto ao que a cultura representa hoje para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Ao assumir espaços com a expressão e a relevância do Museu de Arte Murilo Mendes e do Cine-Theatro Central, que há cerca de 20 anos se integraram ao organograma da instituição, a universidade se viu alçada a agente privilegiado no campo da cultura. Com a responsabilidade por administrar tais espaços, se impôs a necessidade de formular uma política cultural para esses. Esse foi o ponto de partida para uma série de projetos e ações que foram implantados e se desenvolveram consideravelmente nos últimos oito anos. Chegamos agora ao momento de consolidar e ampliar nossas ferramentas de gestão da cultura na instituição.

Um de nossos compromissos na área é manter e expandir os projetos de produção e circulação de bens culturais, o que tem por princípio a promoção do acesso à cultura em toda a sua diversidade e pluralidade de expressão. Acessibilidade é palavra de ordem que, sem resquício de demagogia, se caracteriza como instrumento efetivo de promoção cidadã, na medida em que os bens simbólicos se configuram como mecanismos de construção e expressão de identidade. Nesse sentido, consolidar e incrementar os projetos de democratização do acesso e de formação de público para a cultura, que têm sido realizados com grande repercussão junto à comunidade, é ponto pacífico em nosso programa.

Fomentar a produção e a circulação de cultura significa prover o cidadão dos meios necessários para sua manifestação simbólica e artística e oferecer ao maior número possível de pessoas a oportunidade de ampliar seu repertório cultural com diferentes experiências artísticas. De ambos os modos, isso configura ampliação de perspectivas e potencial de transformação do sujeito pelo contato com conhecimentos e visões de

mundo enriquecedoras a respeito da sociedade e do ser humano. Assim compreendida, vemos como a cultura é parte fundamental na formação das pessoas, razão pela qual uma instituição cujo norte é a educação pode e deve atuar no seu fomento.

Por isso, nos comprometemos a valorizar e integrar os espaços culturais da universidade, espaços esses que são, antes de tudo, parte essencial da história de Juiz de Fora e região, patrimônio com que, muito além das fronteiras literais ou simbólicas do *campus*, a sociedade mantém fortes vínculos afetivos. Como instituição que tem o dever não só de se integrar à comunidade onde atua, como, principalmente, de contribuir para o seu desenvolvimento e aprimoramento, a UFJF tem nos seus espaços e projetos culturais mecanismos fundamentais de conexão e intercâmbio com o seu meio.

Essa relação estendida, que ultrapassa o público acadêmico, tem provado ser altamente positiva para a imagem da instituição e nos estimula a investir ainda mais acentuadamente na cultura. Apostamos em projetos próprios e em sólidas parcerias para nos ajudar a construir uma ação estruturante nesse campo, capaz de gerar efeitos consistentes a médio e longo prazos nos processos de produção e fruição da cultura. Desvinculada de imposições mercadológicas, a cultura pode se desenvolver em toda a sua diversidade. Nosso papel como instituição é investir em ações e soluções que não se limitem a resultados imediatos e criar possibilidades para que mais e mais pessoas tenham condições de adquirir capital cultural.

Júlio Chebli
Reitor da UFJF

ENTREVISTA GERSON GUEDES

Ao assumir pela primeira vez a Pró-reitoria de Cultura em janeiro de 2013, o professor e artista plástico Gerson Esteves Guedes se propôs a promover uma aproximação entre a universidade e a comunidade através da cultura. Ele apostava no potencial aglutinador das artes para integrar o universo acadêmico e a população em geral, e assim também impulsionar o acesso do público a manifestações culturais diversas e de qualidade. Agora, integrando a equipe da nova gestão da UFJF, Gerson Guedes tem a oportunidade de dar sequência aos projetos que implantou e ampliar as iniciativas que visam a fomentar a circulação da cultura.

Como avalia o trabalho realizado no período 2013-2014?

Acredito que conseguimos, nesse curto prazo, consolidar uma série de projetos fundamentais, de acordo com o que entendemos ser o papel de uma instituição voltada para a educação, como a universidade. A cultura pode e deve ser muito mais que consumo. É a melhor ferramenta que temos para abrir os olhos, os ouvidos e todos os sentidos das pessoas, ampliando seu repertório com conhecimento e beleza e lhes oferecendo, assim, novos horizontes. Projetos como o *Leitura no Campus*, o *Coletivo Cultural* e o *Verbo e Cor* são um sucesso porque atendem a uma necessidade do público – nesse caso, crianças e jovens, que passaram a ter oportunidades inéditas de contato com o mundo das letras e da artes plásticas.

Todos os projetos desenvolvidos serão mantidos?

A aprovação desses projetos pela comunidade é o melhor aval que podemos apresentar para assegurar sua continuidade. Um projeto como o *Som de Domingo*, por exemplo, já faz parte da agenda cultural de Juiz de Fora e se tornou um dos melhores exemplos de abertura e utilização do *campus* pela população. O *Leitura no Campus* se tornou programação familiar, o que só contribui para

estimular a leitura nas crianças, já que todos se envolvem com prazer nas atividades, o que é fundamental. O *Palco Provisório* leva boa música a locais diversos e inusitados, como hospitais e bancos. Todos os projetos buscam essa ampliação do acesso à cultura.

Há novos projetos a serem implantados?

Sim. Temos muitos projetos que serão paulatinamente implantados a partir desse ano. Continuaremos trabalhando na perspectiva de formação de público e democratização do acesso, bem como no incremento da produção e da circulação da cultura. Entre os projetos, cito, por exemplo, o *Ciranda Central*, voltado para o público infantil; a revitalização do espaço expositivo do Saguão da Reitoria, com a criação da Galeria Arthur Arcuri; a realização de um festival de jazz e outro de música universitária; e uma bienal do livro. Além disso, continuaremos apoiando iniciativas culturais de relevância e incrementando parcerias com outros centros gestores da cultura em Juiz de Fora e no país.





VERBO E COR APRENDENDO COM A ARTE

A história da «Princesa de Minas» é contada através do olhar artístico e poético de artistas e escritores da cidade, em telas e textos, pelo projeto *Juiz de Fora Verbo e Cor*. Agora em sua segunda edição, a iniciativa criada pelo artista plástico e Pró-reitor de Cultura Gerson Guedes tem como público alvo, especialmente, as escolas. Além do *Coletivo Cultural*, projeto que disponibiliza ônibus para visitas de estudantes às exposições no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), começou a ser distribuído em outubro o DVD com os conteúdos das duas edições do *Juiz de Fora Verbo e Cor*, pensado como material de apoio didático.

Desde o início, o objetivo do Pró-reitor com o projeto é trazer a história de Juiz de Fora para as novas gerações que ainda não conhecem o passado de sua cidade e não têm contato com as artes. A mídia digital que está sendo distribuída nas escolas tem como proposta integrar as diversas manifestações artísticas nas didáticas dentro das salas de aula.

A história de uma cidade está expressa também em seu patrimônio arquitetônico, tema de algumas obras da exposição. Gerson Guedes lembra que muitos de nossos monumentos históricos foram demolidos, como a capela do Colégio Stella Matutina, que os mais jovens não conheceram. “Nós vamos explicar nas escolas como eles vão usar os DVDs nas salas de aulas, porque isso é uma nova forma de se ensinar sobre a história de Juiz de Fora”, explica o Pró-reitor de Cultura da UFJF.

Em cartaz até novembro, a exposição de *Juiz de Fora Verbo e Cor – Do século XX aos dias atuais* recebe visitas escolares às terças e quintas-feiras. Em uma delas, a professora de artes Elcini Cintra, da Escola Municipal Arlete Muniz, no Bairro Grama, confirmou que esse contato do aluno com as obras na exposição é muito importante para a aproximação com sua cidade. “Estas crianças muitas vezes não saem de seus bairros e também não conhecem pontos históricos da cidade”, observa, citando o Morro do Cristo e o painel das *Quatro Estações* de Portinari, no Edifício Clube Juiz de Fora. “O DVD vai ser uma ferramenta importante,

porque é uma coisa diferente, e o que eles precisam é isso – uma coisa que chame sua atenção”, explica a professora.

MOTIVAÇÃO

O que foi idealizado no começo do projeto está dando resultado. Pedro João Oliveira, aluno da Escola Municipal Arlete Muniz, ficou encantado com a exposição e motivado para estudar com o DVD. “Nossa! Acho superbacana isso. Gostei muito dos trabalhos desses artistas e estou empolgado para poder aprender mais com o material que vamos receber nas escolas”, comentou. A estudante Rafaela Moreira admitiu que não conhecia muitos dos locais que estavam representados nas obras. “Fiquei satisfeita de vir aqui hoje. Percebi que não sei quase nada daqui e que conheço mais coisas de lugares como Rio de Janeiro e São Paulo, porque vejo na televisão, do que da minha própria cidade natal», comparou.

A professora Elcini Cintra acrescenta que o fato de um jovem juiz-forano não conhecer suas próprias raízes faz com que o projeto *Juiz de Fora Verbo e Cor* tenha um caráter social importante. “Quando vejo um aluno interessado em aprender através das artes, isso me enche de orgulho”. Como o Pró-reitor de Cultura, ela considera importante levar cultura para todas as idades e classes: “A gente tem que achar meios de levar nosso pensamento cultural ao maior número de pessoas possível”.

A diretora do Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM), Nícea Helena Nogueira, explica que o *Coletivo Cultural*, assim como a distribuição do DVD, abrange as escolas públicas e particulares de Juiz de Fora. Em sua avaliação, o DVD servirá como forma de arquivar da mostra. “A exposição vai se encerrar, e a mídia vai dar continuidade ao projeto. Aquelas pessoas que não puderam ver as obras aqui no MAMM vão poder ter acesso a elas daqui a alguns anos”, diz a diretora.

Rômulo Rosa

Continuação da Capa

MURILO MENDES DE CASA NOVA

Poeta afinado com as experimentações vanguardistas de seu tempo, Murilo Mendes cavou, entretanto, um lugar “deslocado e dissonante” na lírica brasileira do século XX, como afirma Murilo Marcondes de Moura em posfácio da *Antologia Poética*. O território da sua poesia é complexo, e isso pode ser um dos fatores da dificuldade que costuma ser apontada na obra do juiz-forano. No artigo de 1959 *A poesia e o nosso tempo*, reproduzido na *Antologia* da Cosac Naify, o próprio se queixava do desconhecimento de seus livros pela nova geração e da incompreensão que pairava sobre sua obra: “Penso em certos críticos que às vezes apressadamente me rotulam de surrealista e hermético sem ter em conta que a minha obra mergulha as raízes na tradição, e que toda poesia válida é num certo sentido hermética”.

Reconhecido como um dos mais importantes autores de nosso modernismo, Murilo Mendes não teve, entretanto, a mesma repercussão e alcance de público que seus colegas Drummond, Bandeira e João Cabral. O editor Milton Ohata lembra que, quando a poesia dos modernistas começou a entrar em circulação para um público mais amplo, Murilo Mendes se mudou para a Europa – e quando suas *Poesias* (1959), única reunião de poemas que publicou em vida, saíram pela Editora José Olympio, o poeta estava fora do país. “Não estar presente, atuando no meio, pode ter prejudicado a recepção de sua obra”, acredita Ohata.

“A circunstância de publicação das obras deles fez com que fossem recebidos de maneira diferente”, acrescenta Júlio Castañon. O estudioso observa ainda que o fato de Murilo ter sido um poeta católico – após a conversão religiosa provocada pela morte de seu grande amigo Ismael Nery, em 1934 – criou certa dificuldade para o seu reconhecimento mais à frente. Quanto às aproximações vanguardistas, ressalta

que é preciso matizar a influência do surrealismo na poética muriliana – como, aliás, reclamava Murilo Mendes no artigo citado acima. Mas resta ainda aquela dissonância de que falava Murilo Marcondes de Moura em seu posfácio. “É uma poesia diferente e criava dificuldade”, conclui Castañon.

Hoje, porém, há uma produção acadêmica crescente sobre a obra muriliana, sinal de um interesse mais geral sobre o poeta, segundo o organizador da *Antologia*. A reedição de sua produção contribui nesse momento para tornar sua obra mais acessível. Como afirma Marcondes de Moura, “o desenho da obra é de um contorno desmesurado de grande amplitude, à espera de leitores igualmente curiosos e exigentes, além de tolerantes”.

PARCERIA

Essa produção vasta e múltipla, capaz de aproximações surpreendentes, como aponta Castañon, inclui uma forte ligação com as artes, presente em sua poesia e tema de seus textos críticos – vários dos quais se encontrariam no limiar do poema. A Cosac Naify está reunindo material parcialmente inédito dessa produção crítica de Murilo Mendes para um volume com textos publicados originalmente em revistas e jornais. Esse diálogo do poeta com as artes plásticas interessa especialmente à editora, cujo catálogo tem uma presença forte desse campo. Nesse aspecto, foi fundamental o apoio do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), como ressalta Milton Ohata, destacando a excelência do trabalho desenvolvido em Juiz de Fora. “Estamos felizes com a coleção e com a parceria. Esse é o primeiro de vários frutos”, assegura.

Izaura Rocha

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

DOMINGO DA CRIANÇA

12, 10h Evento Dia das Crianças
Praça Cívica da UFJF

EXPOSIÇÃO

Navegantes – fotografias de
Renato Miranda
Saguão da Reitoria

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070

www.museudeartemurilomendes.com.br
Terça a sexta: 9h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Juiz de Fora Verbo e Cor - Do
Século XX aos dias atuais
Galeria Retratos-Relâmpago

Janelas, de Mário Azevedo
Galeria Poliedro

Coleção de Murilo Mendes no
Brasil – 20 anos
Galeria Convergência

SARAU POÉTICO

18, 18h Com Renato Sandoval
Bacigalupo (Lima - Peru), Fabrício
Marques (Belo Horizonte),
Camila do Valle (Rio de Janeiro),
Edimilson de Almeida Pereira,
Prisca Agostoni e Iacyr Anderson
Freitas (Juiz de Fora)

MUSICAMAMM

21, 20h Encontro de Música
Instrumental de Juiz de Fora –
Abertura: Luis Leite Trio, com Ivo
Senra, Lucio Vieira e Luis Leite.

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

TERÇAS MUSICAIS

7, 20h Rafael Gonçalves - Entre
amigos
Teatro Pró-Música/UFJF

HOJE É DIA DE ÓPERA

21, 19h Exibição em vídeo
comentada
Teatro Pró-Música/UFJF

CLÁSSICOS PRÓ-MÚSICA

24, 20h Concerto de abertura do
18º Concurso Nacional de Piano
Arnaldo Estrella, com Marina
Spoladore (pianista)
Teatro Pró-Música/UFJF

EXPOSIÇÃO

13, 19h30 Abertura Popularizando
a arte de Clery Renault
Galeria Renato de Almeida, do
Centro Cultural Pró-Música/UFJF

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº
calçadão da Rua Halfeld
(32) 3215-1400

Dias 10, 11 e 12, 20h Milton
Nascimento – Nada será como
antes (musical)

17, 21h Samba com a Portella

18, 19h Festival Movimento

24, 20h Memórias de um suicida

25, 21h All You Need is Love

29, 20h Sesc Literatura: Grandes
Escritores – Elisa Lucina



CORAL DA UFJF CANTORIAS

Com 48 anos de história, o Coral da UFJF, atualmente com 21 vozes, lançou seu terceiro CD, *Cantorias*. No último dia 19 de setembro, durante a cerimônia de posse do novo reitor da universidade, Júlio Chebli, e seu vice, Marcos Chein, o Coral teve seu CD distribuído para os convidados, porém a apresentação no Cine-Theatro Central foi apenas uma “degustação” do que o grupo prepara para a apresentação que fará ao público juiz-forano em novembro.

O Coral da UFJF não gravava um álbum há dez anos. O último, *Tear*, foi lançado em 2004, ainda com o antigo regente, André Pires. Pouco antes da chegada de Guilherme de Oliveira ao comando do grupo, há três anos, já havia planos para a gravação de um novo disco. Coralista, secretária e assessora do Coral, a jornalista Laura Castro canta com o grupo há oito anos e, para ela, mais do que uma conquista, o novo CD é o necessário registro do trabalho do coral: “Já tínhamos vontade de fazer um novo disco antes mesmo de o Guilherme entrar. Daí falamos com ele, colocamos ‘fogo’ e levamos esse desejo para a universidade. Mudamos muito o repertório, nos preparamos para o *America Cantat*, montamos peças novas. Às vezes, a gente trabalha tanto e não tem um registro oficial disso”.

Coordenador de produção do CD, Beto Campos conta que não mediu esforços para finalizar o trabalho: “Foi muita dedicação, acompanhar ensaios, ouvir as ideias e fazer acontecer. Você não vai ao estúdio uma vez, são várias. Mas foi até fácil pela dedicação de todos, muito prazeroso”.

Uma parte decisiva do trabalho – a definição do repertório – teve um capítulo especial em torno dos direitos autorais de *Bohemian Rhapsody*, hit do grupo britânico Queen eternizado por Freddie Mercury. “Conseguimos entrar em contato com um produtor, e mandei um vídeo com uma apresentação nossa cantando e explicando que era muito importante para nós. Em menos de duas horas, esse produtor falou que tinha entrado em contato com o produtor ‘master’ do Queen em Montreux, na Suíça, que disse que era para a gente ‘tocar o bonde’”, explica Laura Castro.

Com nove faixas, o CD reúne ainda clássicos como *Roda Viva*, de Chico Buarque, *Verano Porteño*, de Astor Piazzola, *Ária de 4ª corda*, de Bach, *Ave Maria* e *Witness*. De acordo com Guilherme, a produção se diferencia dos outros dois CDs do grupo por ser mais eclética, com rock, música do sertão mineiro, ária, samba e música de protesto. “Nós queríamos que a pessoa olhasse o disco e percebesse essa diversidade. Por isso, se chama *Cantorias*”, explica o regente, referindo-se à faixa-título que abre o disco, de autoria de Rufo Herrera.

Segundo Guilherme Oliveira, a gravação do CD foi um trabalho exaustivo, mas acima do cansaço individual estava a realização pessoal e profissional de cada um com o trabalho: “Começamos a gravar e conseguimos! Pensa bem: é um grupo de vinte. Aí, está tudo indo bem e, de repente, um erra, aí depois outro erra, e por isso ficávamos em média cantando uma música que dura 3 minutos

durante 3 horas. Chega um momento que ninguém mais aguenta. Você acha que música só relaxa? Muito pelo contrário!”, brinca o regente.

TRABALHO DE EQUIPE

Integrante do Coral da UFJF, Gustavo Dias vive no meio musical desde muito jovem. Além da influência do pai, que fazia música por *hobby*, Gustavo se tornou *menino cantor* quando entrou para o Coral da Academia e, com 11 anos, fez turnê pela Europa com o grupo. Após algum tempo afastado da música coral, fez um teste para o da UFJF. “Para mim, era coisa de outro mundo, porque era completamente diferente do coral com que eu estava acostumado”. A estranheza não durou muito tempo, e hoje o Coral é, para Gustavo, mais do que música: “Tem gente, como minha mãe e minha irmã, que vai a sessões espíritas como fuga, como recarga espiritual. Tem gente que vai à missa. No meu caso, é o coral. Faz parte de mim, talvez porque eu comecei muito pequeno”.

A rotatividade do Coral é grande. Como não é um grupo profissional, e poucos são os coralistas que vivem de música, há sempre alguém que precisa sair e, com isso, gente com anos de estrada precisa se unir a quem nunca cantou na vida. Mas o trabalho em equipe do Coral diminui essas diferenças: “Para mim, é surpreendente: eu canto desde 10 anos. Eu estou aqui faz anos, e há nuances difíceis de captar. Aí tem gente que chega aqui e ‘tira som de árvore’”, conta Gustavo Dias. A coralista Laura Castro também observa isso: “Não é preciso ter nenhum tipo de formação. É claro que, se souber ler partitura, fica muito mais fácil de pegar, mas, se sua memória musical é prodigiosa, partitura não faz a menor diferença”.

Mal o CD *Cantorias* saiu do forno, e o regente Guilherme Oliveira acena com novo desafio em breve: “Em dois anos, haveria um novo CD, em comemoração aos 50 anos do coral!”

Raíra Garcia

